

INSTITUTO DE FÍSICA DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO**A T A S****ATA DA 518ª SESSÃO EXTRAORDINÁRIA DA CONGREGAÇÃO DO IFUSP**

ATA – Aos vinte e três de agosto de dois mil e dezesseis, às 9h13minutos, no Auditório Abraão de Moraes, reuniu-se, em 3ª Convocação, a Congregação do Instituto de Física da Universidade de São Paulo, sob a presidência do Senhor Diretor, Prof. Marcos Nogueira Martins, com a presença do Vice-Diretor, Prof. Manfredo Harri Tabacniks e dos seguintes membros; **Professores Titulares**: Prof. Dr. Vito Roberto Vanin (até 10h48min); **Chefes de Departamento**: Profs. Drs. Antonio M. Figueiredo Neto (após 09h35min), Valmir Antonio Chitta (suplente) (até 10h55min) e Elisabeth Mateus Yoshimura (até 11h48min); **Presidente de Comissão**: Profs. Drs. Paulo Alberto Nussenzevig (após 10h30min), Marcelo Gameiro Munhoz (até 10h55min); **Professores Associados**: Profs. Drs. Alexandre A. do Passo Suaide (até 11h22min) e Marcelo Martinelli; **Professores Doutores**: Profs. Drs. Ivã Gurgel, Marco Bregant (suplente) (após 10h55min até 11h12min), Nemitala Added, Nora Lia Maidana (suplente) (até 10h48min); **Representantes Discentes**: Srs. Bruna Costa Nascimento, Mariana Afeche Cipolla, Renata Biaggi Biazzi e Zeca Ribeiro de Carvalho; **Representante dos Servidores não docentes**: Sra. Simone Perche de Toledo (após 09h35min). Encontram-se **afastados** os seguintes membros docentes: **Professores Titulares**: Profs. Drs. Antonio José Roque da Silva, João Carlos Alves Barata e Mário José de Oliveira. Não compareceram à reunião e **apresentaram justificativa**: **Chefe de Departamento**: Profa. Dra. Euzi Conceição F. da Silva; **Presidente de Comissão**: Prof. Dr. Alain Andre Quivy; **Professor Doutor**: Profa. Dra. Carmen Silvia de Moya Partiti. Não compareceram à reunião e **não apresentaram justificativa**: **Professores Titulares**: Profs. Drs. Adilson José da Silva, André Bohomoletz Henriques, Armando Corbani Ferraz, Edilson Crema, Elcio Abdalla, Fernando Silveira Navarra, Gennady Gusev, Gil da Costa Marques, Iberê Luiz Caldas (em férias), José Carlos Sartorelli, Josif Frenkel, Luiz Carlos Chamon, Manoel Roberto Robilotta, Maria Cristina dos Santos, Maria Teresa Moura Lamy, Marília Junqueira Caldas, Marina Nielsen, Nelson Carlin Filho, Nestor Felipe Caticha Alfonso, Paulo Eduardo Artaxo Neto (licença-prêmio), Renata Zukanovich Funchal, Renato de Figueiredo Jardim, Ricardo Magnus Osório Galvão, Roberto Vicençotto Ribas, Rosangela Itri, Sylvio Accioli Canuto (licença-prêmio), Tânia Tomé M. de Castro e Victor de Oliveira Rivelles; **Chefes de Departamento**: Profs. Drs. Márcia C. de Abreu Fantini e sua suplente Rosangela Itri, Vera Bohomoletz Henriques e seu suplente Mário José de Oliveira, Gustavo Alberto Burdman; **Presidentes de Comissão**: Profs. Drs. Oscar José Pinto Eboli e sua suplente Suhaila Maluf Shibli; **Professores Associados**: Profs. Drs. Kaline Rabelo Coutinho e sua suplente Carla Goldman, Márcia de Almeida Rizzutto e seu suplente Nilberto Heder Medina, Daniel Reinaldo Cornejo, Antonio Domingues dos Santos, Helena Maria Petrilli e sua suplente Maria Cecília B. S. Salvadori, Airtton Deppman e seu suplente Arnaldo Gammal, Said R. Rabbani e seu suplente Álvaro Vannucci, José Roberto B. de Oliveira e seu suplente Rubens Lichtenthaler Filho, Fernando Tadeu Caldeira Brandt, Ruy Pepe da Silva, Paulo Teotônio Sobrinho, Frédérique M. B. F. Grassi, Valdir Guimarães e seu suplente Sérgio Luiz Morelhão, Lucy Vitória Credidio Assali, Diego Trancanelli e seu suplente Walter A. de Siqueira Pedra; **Professores Doutores**: Profs. Drs. Cristiano R. de Mattos e sua suplente Maria Cristina Leite, Rafael Sá de Freitas e seu suplente Caetano Rodrigues Miranda, Alexandre Lima Correia e seu suplente Zwinglio de Oliveira Filho, Luiz Carlos C. Miranda Nagamine (suplente), Carlos Eduardo Fiore dos Santos, Raphael Liguori Neto e seu suplente José Fernando Diniz Chubaci, Leandro Ramos Souza Barbosa, José Helder Facundo Severo e seu suplente Marcos V. Borges Teixeira Lima; **Representantes Discentes**: Srs. Leonardo Bitencourt Vetritti e Lucas Carvalhaes P.A. Maciel Mussnich e seu suplente Renato Ribeiro

INSTITUTO DE FÍSICA DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO**A T A S**

Domeneguetti; Representantes dos Servidores não docentes: Srs. Antonio Sergio Joaquim e sua suplente Janice Batista da Silva, Francisco Antonio Brinco e seu suplente Hilton Vilaça Borges da Silva. A Assistente Acadêmica, Sra. Maria Madalena Salgado Bermudez Zeitung, secretariou a reunião. O Sr. Diretor iniciou a reunião extraordinária aberta à comunidade informando não ser uma reunião deliberativa, para discutir a pauta de reivindicações dos estudantes e buscou estabelecer a forma como a mesa pretende dirigir os trabalhos. Disse que estabelecerá um tempo de três minutos para cada intervenção e usou o critério, considerando o número de presentes pode não ser necessário, de que cada pessoa poderá inscrever-se uma única vez para discutir um determinado assunto e, depois que terminar a rodada de inscritos, se houver tempo, eventualmente, abrirá novamente as inscrições. . **ORDEM DO DIA**

I.01 - APRECIÇÃO DAS REIVINDICAÇÕES DOS ALUNOS, ABAIXO RELACIONADAS: 1. Moção em defesa da moradia estudantil. 2. Discussão sobre papel da USP: que universidade queremos ser? A Sra. Renata Biaggi Biazzi apresentou a pauta e informou que, primeiramente, os estudantes pensaram em continuar a discussão da moção em defesa dos blocos K e L, que começou na última Congregação aberta e era para ser levada à Congregação fechada, mas lá não foi possível discutir nada, os representantes discentes não foram respeitados e como acreditam que a Congregação é um órgão que deve representar não só os professores mas todo o IF e como os blocos K e L dizem respeito à permanência estudantil, uma pauta que diz respeito a todo o IF e, principalmente, aos estudantes, faz todo sentido que ela seja discutida na Congregação aberta que também é representativa de todo o IF, até mais que uma fechada, porque na aberta todos podem vir. Disse que esperam que a moção seja discutida e votada, com os comentários e modificações aqui discutidos e que a Congregação fechada de quinta-feira referente o resultado que obtivermos aqui. O segundo item da pauta é sobre qual modelo de universidade queremos. Essa discussão começou ontem durante a paralisação dos estudantes, aconteceram três debates que foram filmados e cuja filmagem será disponibilizada pelo CEFISMA, para quem quiser acessar. Disse que os estudantes querem que essa seja uma pauta de discussão do IF e gostariam que fosse feito um calendário de discussão para debater, neste semestre, as formas de ingresso na Universidade. Isso inclui cotas e a adoção do SISU no IF e que o calendário seja oficial, com debates em dias em que todos possam participar, organizado pelo Grupo de Trabalho Paritário das quatro categorias. Qual a Universidade que queremos, qual o papel do IF e como podemos alcançar o modelo que queremos. O Sr. Diretor solicitou a inclusão de um assunto no item dois, que está chamando sua atenção e incomodando-o, que é o uso do espaço do IF para manifestações, como cartazes que são colocados nas paredes do IF, onde as pessoas quiserem, aleatoriamente ou não aleatoriamente, porque os locais destinados a isso como os murais são pouco utilizados. Há uma nítida preferência pelo uso de paredes para colocação de cartazes. Isso o tem incomodado e disse querer discutir isso, também, hoje e aqui. Colocou em discussão o item 1. **Moção em defesa da moradia estudantil e inscreveu-se. Disse que considerava a moção muito detalhada; que ninguém aqui é contrário à necessidade de moradia estudantil; o problema é a permanência estudantil que é muito mais amplo e muito sério para a Universidade. Disse que devemos discutir, debater e nos manifestar a esse respeito, mas vê que há certa confusão no sentido de defender a moradia estudantil se prendendo exclusivamente aos blocos K e L e vê uma coisa algo histórica aí. Considera que devemos fazer uma defesa da necessidade de permanência estudantil, incluindo a moradia. Não importa se seja nos blocos K e L ou onde quer que seja; o que importa é que haja um número significativo em relação à população de estudantes e que esse número resolva o**

INSTITUTO DE FÍSICA DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO**A T A S**

problema, ou vá tendendo nessa direção. A questão é resolver o problema e no tocante a como resolver o problema, pensa que devemos dar graus de liberdade para a Reitoria resolver o problema. Disse que estamos nos manifestando para a Reitoria sobre um problema e que cabe a ela manifestar-se em relação a como vai resolvê-lo. Considera que não devemos nos prender a determinadas colocações para não restringir a discussão que, no seu entendimento, deve ser a mais ampla possível. O problema é sério o suficiente para não nos perdermos nesses detalhes. Disse que devemos ter um texto que defenda a moradia e a permanência estudantil de forma geral, pedindo à Reitoria que melhore o atendimento que é dado aos estudantes nesse sentido. Essa é a sua proposta. O **Prof. Marcelo Martinelli** perguntou, em relação ao problema de moradia, qual é a demanda que temos aqui no IF e qual é a faixa de atendimento da bolsa moradia fornecida atualmente pelo SAS. Falou sobre mil e seiscentas vagas no CRUSP e há ainda as bolsas moradia. Qual é o espectro de estudantes de que estamos falando, questionou. O **Sr. Diretor** disse que era a primeira vez que ouvia falar nessas bolsas moradia. O **Prof. Suaide** respondeu que na CG do IF não há informação sobre quantos alunos requisitam moradia no CRUSP ou têm bolsa moradia. Não temos esses dados. Parte da boa vontade dos alunos fornecerem informações porque não temos disponível no sistema. A FUVEST divulga uma estatística dos dados em seu *site* e acredita ter vindo de lá esse número de dezesseis ou dezessete por cento. Lá estão todos os histogramas, mas os dados brutos da FUVEST têm uma restrição muito grande de fornecimento. O **Prof. Manfredo Tabacniks** disse ter pensado muito a respeito desta Congregação nesta última semana e declarou sentir-se extremamente constrangido em participar de uma atividade coletiva no IF com as acusações que estão na porta da biblioteca pesando em seus ombros. Disse sentir-se ofendido a cada vez que passa por lá, embora não negue que os fatos indicados nas frases eventualmente possam ter ocorrido, mas talvez seja uma minoria ou tenham acontecido em um espaço bastante restrito em uma circunstância ou contexto que não está escrito lá. A generalização no esquema em que está colocado na biblioteca, para ele, é extremamente ofensivo. Alegou ter tido uma carreira de respeito com alunos, de respeito e dedicação à didática e ao trabalho estudantil, desde que entrou na Universidade, e faz bastante tempo. Cada vez que passa por lá sente uma faca em seu pescoço atingindo-o quase que pessoalmente; é como se classificássemos todos os candidatos à Prefeitura em cima da fala de um único, e isso não é correto, as pessoas são diferentes. Considera aquilo uma ofensa, uma situação muito desagradável, muito constrangedor e disse que está, inclusive, revendo algumas posições de tratamento com os alunos durante as aulas e que não quer ficar assim, prosseguiu dizendo que quer continuar tendo carinho e respeito pelos alunos. Pediu, gentilmente, a retirada dessas frases ofensivas da porta da biblioteca. Com relação à moção, disse considerá-la tímida. Disse ter levantado uma tese da FAU que tem todo o esquema do CRUSP e fez uma conta rápida com a ocupação de um quarto, de uma pessoa por quarto, por dormitório do CRUSP e obteve uma ocupação mínima de duas mil e quinhentas e vinte vagas no CRUSP atual. Se colocarmos duas camas em cada quarto, que cabem, daria para se colocar cinco mil vagas no CRUSP, do jeito que está agora. É só pegar o mapa, fazer as contas, olhar os blocos e fazer a conta direitinho. Prosseguiu dizendo que não entende a reivindicação e os dados que os estudantes colocam. Considera que a reivindicação deveria ser por permanência estudantil e colocar os dados corretos na mesa; do jeito que está não é possível, estamos sendo ludibriados. A **Sra. Mariana Cipolla** esclareceu ao Prof. Martinelli dizendo que o dado que apresentaram de cerca de mil e seiscentas vagas no CRUSP está no portal de transparência da USP, é de dois mil e quatorze e, junto com ele, está o número de bolsas

INSTITUTO DE FÍSICA DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO**A T A S**

moradia em torno de mil e trezentas e mil e quatrocentas. Referiu-se à moção dizendo que ela é um pouco específica porque os alunos veem a devolução dos blocos K e L como uma solução mais imediata para o problema da moradia. Essa solução já vem sendo colocada há muitos anos e, com certeza, não deveria ser a única solução porque podem ver, pelos próprios dados que colocaram, que ela não resolve o problema da moradia e da permanência estudantil e disse que defendem que outras medidas sejam tomadas, mas essa é uma medida que julgam mais imediata porque seria mais a curto prazo e resolveria parte da demanda, mas não consideram que seja a única medida a ser tomada. Com relação ao número de pessoas que cabem no CRUSP, perguntou se já haviam entrado lá recentemente. Disse que os quartos são muito pequenos e que não sabe se seria possível colocar várias camas. Referindo-se aos cartazes "o meu professor disse" considera essa uma questão, como várias outras que já foram colocadas durante o período da greve, que não deveria impedir uma discussão como esta que é tão importante. Além disso, não há uma generalização, mas professores dizem aquelas frases e não importa se dizem que elas estão contextualizadas. Disse que os alunos sabem o contexto em que foram ditas e que as ouvem repetidas e repetidas vezes. Informou que há várias outras frases que não estão lá porque não é possível colocarem todas e aquilo é, realmente, para os professores repensarem o modo como falam com os alunos. Se alguém olha para aquilo e se sente envergonhado ou a pessoa se enxerga naquilo ou tem vergonha dos colegas que tem. Afirmou não considerar errado terem vergonha dos colegas que têm, porque as frases são um absurdo e devem mesmo repensar como tratam os estudantes aqui no IF. Informou que é exatamente esse o intuito e não entende o que isso tem a ver com a discussão que estão propondo. A **Profa. Elisabeth Yoshimura** ateu-se à moção que considera pouco focada, deve ser mais incisiva de que, de fato, a Universidade precisa de mais moradia estudantil e de melhores condições de permanência. Na sua visão, o problema dos blocos K e L é mais político do que qualquer outra coisa e manter essa reivindicação explícita sobre os blocos K e L talvez enfraqueça mais do que dê força ao documento. Sugeriu que temos que pensar, como Congregação, qual é a melhor maneira de, não só nos colocarmos para a Reitoria, mas termos alguma chance de que isso tenha mais algum apoio dentro do Conselho Universitário ou da própria Reitoria. Sugeriu um documento mais forte sobre a permanência como um todo e pensa que deveria ser colocado algo que vá um pouco na linha do que o Prof. Manfredo colocou, que é a própria forma de selecionar as pessoas que vão para o CRUSP. Sabemos, quem está aqui nesta Universidade a muito tempo, de pessoas que moram lá, que não são estudantes e que não atendem aos requisitos mínimos. Numa situação em que falta tanto, o pouco que há ser mal usado, é ruim. Em relação a alguma frase no terceiro parágrafo, que se refere à Reitoria como sendo responsável por isso, disse não saber quem realmente é responsável pela seleção das pessoas que moram no CRUSP não ser a mais adequada. Disse não ter ideia, embora haja relatos imensos de vários estudantes com os quais convivemos aqui e que moram lá que sabem perfeitamente que não é a forma melhor a que está sendo usada neste momento. Talvez seja importante colocar isso no documento. O **Sr. Lucas Mussnich** disse que se podem obter na SAS todos esses dados quanto aos alunos e como é feita a análise, mas os estudantes não podem obtê-los; é preciso que alguém da Universidade, com um pouco mais de poder, vá lá e solicite que os dados sejam informados ao IF para avaliarmos na Congregação. Informou que é morador do CRUSP e que considera um desrespeito quando fazem um cálculo de área, um cálculo que fazem para um galinheiro no seu sítio, quando estamos falando de moradia onde as pessoas viverão por quatro ou cinco anos; onde as pessoas vão viver com seus filhos. Dizer que cabe mais uma cama

INSTITUTO DE FÍSICA DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO**A T A S**

quando nunca entraram num daqueles quartos é até desrespeitoso. Prosseguiu perguntando qual é a chance real de serem construídos blocos de moradia para os estudantes, qual a chance de haver novas moradias. Nenhuma, disse. O que farão é aumentar a bolsa que é de quatrocentos reais e não tem reajuste há décadas. Quem procura aluguel por aqui, sabe que quatrocentos reais não são suficientes, que para dividir um quarto perto da USP é preciso pagar quinhentos reais. A bolsa não é suficiente e, por isso, historicamente pedem os blocos K e L que foram construídos para isso e outros blocos já foram demolidos. Disse que os dados apresentados estão defasados, que não existem sete blocos e sim oito, o número de quartos não é aquele e que a pesquisa foi completamente mal feita. Disse que a questão principal é que precisam de mais vagas e que não podem confiar na pseudo-história; nesses termos, então sugeriu que fosse feito um estudo no CRUSP onde faltam tantas vagas que os estudantes, de fato, colocam uma segunda cama no quarto e, de fato, moram quatro, cinco, seis pessoas em um apartamento onde deveriam morar três. Afirmou que a Universidade trata essas pessoas a mais como irregulares, tirando um que pode ser o hóspede, que tem direito de morar na sala. A coisa é tão criminosa que a SAS regulamentou o morar na sala, está faltando tanta vaga que não há problema em morar na sala. Mesmo assim, colocam mais pessoas para morar e as pessoas são perseguidas e tratadas como irregulares. O **Prof. Suaide** sugeriu melhorar o texto que considerou tímido e que devia englobar a questão da permanência estudantil de forma mais ampla. Discordando da Profa. Elisabeth Yoshimura considera importante a colocação dos blocos K e L na moção e, se não estiver enganado, foi uma promessa da Reitoria, quando de sua mudança, a devolução dos blocos K e L e sugere que deveríamos cobrar esse compromisso da Reitoria. Sugeriu que fosse abordada a questão da gestão no CRUSP. Disse que se ouvem histórias de coisas muito esquisitas que ocorrem dentro da SAS e exemplificou com o caso de uma aluna da ECA que recebeu uma vaga no CRUSP e chegando lá a vaga estava ocupada por outra pessoa que a expulsou do apartamento que lhe fora designado. Foi reclamar no SAS que lhe disse apenas “paciência” e não tomou nenhuma providência. Sugeriu que pedíssemos nessa moção que se faça uma auditoria na SAS. O **Sr. Thandryus** disse que uma das coisas que foi pedida, e é uma pesquisa bem rápida de fazer, é sobre a necessidade do IF com moradia. Esse dado depende da SAS e ela não informa aos alunos, então o que se pode fazer é usar o critério de três salários mínimos e ver como isso se aplica no IF. Vendo dados da FUVEST dos últimos quatro anos, tomou o exemplo do ano passado e, no geral, dezesseis por cento dos alunos da USP tinham renda menor que três salários mínimos e seria possível conseguirem vaga no CRUSP, se houvesse vaga. Na Licenciatura, vinte e seis ponto quatro por cento tinham renda menor do que três salários mínimos e no Bacharelado eram dezoito ponto quatro por cento. Em dois mil e quinze, a mesma coisa: quinze ponto sete por cento da USP geral, quase vinte e quatro por cento da Licenciatura e quase dezessete por cento do Bacharelado. A porcentagem é sempre maior do que no geral. Fazendo uma pesquisa bem rápida no site da FUVEST se consegue ver que essa questão da moradia é bem importante para os alunos do IF. Lembrou que alguém precisa solicitar esses dados para a SAS e o **Sr. Diretor** respondeu que já estava anotado. O **Sr. Thandryus** repetiu que no CRUSP não cabem duas camas em um quarto; apenas uma cama e uma estante e já fica apertado. Colocar duas camas seria diminuir muito o nível de vida das pessoas que vivem lá e, se queremos que as pessoas estudem, temos que dar um nível de vida mínimo para que tenham capacidade de se manter no curso. É importante ter um lugar para dormir para se manter nos estudos. Sobre os blocos K e L disse que logicamente é uma questão política, mas foi prometido e é uma questão

INSTITUTO DE FÍSICA DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO**A T A S**

imediate, faltam muitas vagas, pelos dados vê-se que dezesseis por cento dos alunos deveriam ter acesso a essas vagas e só dois por cento têm. Esses blocos já eram do CRUSP e foram tirados, estão simplesmente abandonados enquanto há pessoas que não têm lugar para dormir. Disse que não pedem só a devolução desses blocos, mas é uma questão imediata que já vai ajudar na resolução do problema. Disse que não é preciso que se criem dez mil vagas de uma vez, mas é preciso que vão resolvendo isso na medida em que conseguem. O **Sr. Diretor** repetiu para os que chegaram depois, que as falas são de três minutos e a repetição de inscritos só se sobrar tempo no final o que, aparentemente, é o que está acontecendo porque não há nenhum inscrito nesse momento. Comentou sobre o argumento de que como já existem os Blocos K e L devem ser devolvidos de imediato. Disse que não sabia se tinham acompanhado a abertura do corredor que liga a Ala I à Ala Central, no piso térreo, que tinha uma sala ocupando o corredor e era só quebrar a parede. Demorou seis meses ou mais e, finalmente, terminou. Os blocos K e L estão lá, mas não são apropriados para moradia e é necessária uma reforma para se tornar moradia de novo. Não é possível dizer que é de imediato; devemos dizer que é importante a moradia. O **Sr. Thandryus** esclareceu que a reforma já está prometida desde dois mil e nove e julga que sete anos para fazer uma reforma é tempo suficiente. O **Sr. Diretor** disse que a reforma não foi feita e repetiu que não dá para dizer que é de imediato porque os prédios estão lá, do jeito que estavam há sete anos. O **Prof. Ivã Gurgel** disse estar de acordo com a moção em termos gerais, sem o prejuízo como apontou o Prof. Manfredo e com revisão de algum parágrafo porque o texto sempre pode ser melhorado. Disse que teme que saíamos de um extremo para o outro e fazemos uma moção muito genérica e ao chegar à Reitoria receberemos uma resposta bem protocolar, do tipo "tomaremos providências". Se aumentarem uma bolsa de moradia, terão tomado uma providência. Disse que por vezes fica num plano tão genérico que o documento pode perder força. Em relação especificamente aos blocos K e L, o ponto de maior debate aqui, disse que manteria a questão dos blocos embora concorde que não é uma solução imediata, mas há dois aspectos: é um prédio que já existe, será uma reforma custosa, demorada, mas acredita que deva ser vantajoso em relação a construir um prédio novo e há a questão de especificar minimamente alguma demanda porque as bolsas de auxílio moradia têm um limite de funcionamento, mas em termos administrativos é uma má opção porque é um dinheiro investido que morre naquele mês e vai embora. Em termos administrativos, disse ver a importância de a Universidade investir em algo que será permanente, será um patrimônio. A reforma de um prédio, por mais que de imediato possa ter um custo alto, tem a vantagem de se tornar um patrimônio que gerações possam usufruir. O **Sr. Diretor** disse que julga que o importante é fazermos uma introdução, deixando clara a posição da Congregação de que ela considera importante a questão da permanência estudantil, em particular a moradia. Considera que podemos até citar os blocos K e L como parte da solução porque, claramente, não é suficiente para resolver o problema. Disse que dar uma bolsa de quatrocentos reais imaginando que alguém vá conseguir morar aqui com esse valor, é ridículo. Assim, a solução tem que ser uma solução realista. Com relação à fala do Prof. Ivã sobre o investimento permanente, disse não saber quanto custa um aluno no CRUSP por mês. Pensa que essa é uma informação importante para sabermos o que vale mais a pena: construir mais moradia estudantil ou dar uma bolsa para que paguem aluguel. O **Sr. Zeca Carvalho** disse que a questão das bolsas é bem polêmica, mas há uma clareza no movimento estudantil de que a bolsa não pode ser o principal recurso para moradia porque se a bolsa aumenta, no dia seguinte os aluguéis no entorno da Universidade aumentam. O mesmo acontece com o auxílio creche que, se aumentado, conseqüentemente o

INSTITUTO DE FÍSICA DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO**A T A S**

preço das creches aumenta. Com certeza a bolsa ajuda, apesar de ser muito pouco, mas ela não pode ser o foco se queremos resolver o problema da moradia. Aumentam as bolsas, aumentam os aluguéis e só a especulação imobiliária sai ganhando. O **Prof. Suaide** disse acreditar que a questão do CRUSP não é a solução definitiva e não pode ser encarada como a única solução para moradia na USP. Disse que não temos condições de multiplicar o CRUSP para um fator cinco ou seis num espaço de tempo compatível com as nossas vidas. Temos que buscar soluções alternativas que se adicionem à solução do CRUSP que é usado por uma fatia daqueles que precisam. Disse ter sido informado, a algum tempo, de que a UFABC não disponibiliza moradia estudantil por uma questão de princípio da Universidade, que não quer ter gente morando dentro do campus. Por outro lado, por conta disso, devem ter algum programa de moradia estudantil porque muita gente que entra na UFABC, pelo SISU, deve estar distante do campus. Sugeriu que seria interessante olharmos um pouco como eles lidam com a questão da permanência estudantil, da moradia próxima ao campus, visto que eles estão numa região economicamente similar à nossa. O **Sr. Lucas Cacciaquerra** comentou que o CRUSP nem sempre foi gerido pela SAS, que foi colocada lá após uma série de incidentes no finalzinho da ditadura militar. Temos que lembrar esse caráter histórico e político de por que, de repente, há um órgão que não são os próprios estudantes que gerem. Disse estar falando da questão dos moradores irregulares etc. Lembrou que na moradia de São Carlos, são os próprios estudantes que gerem. São eles que levantam a demanda, administram o dinheiro. Disse que existem várias possibilidades e a que está colocada é que existe o CRUSP, existem os blocos K e L que eram do CRUSP, que sofreram poucas modificações para tornarem-se escritórios e, disse ter certeza de que as pessoas que necessitam de moradia vão morar lá, existe a possibilidade de uma ampliação e de um aumento no valor das bolsas. Sugeriu que fossem colocadas essas duas alternativas de forma concreta: a devolução dos blocos K e L, a ampliação de moradia e a ampliação e aumento das bolsas. Disse que poderíamos fazer um estudo quanto às porcentagens e já indicar um aumento de x por cento, embora saiba que isso exige um trabalho contábil maior. Ressaltou a importância dos blocos K e L para quem mora no CRUSP porque lá era moradia, as pessoas foram tiradas de lá na ditadura militar e a Reitoria ocupou, invadiu aquele espaço e está lá até agora. Disse que conseguiram conquistar o CRUSP com muita manifestação e vão obter os blocos K e L de volta com muita manifestação, mas não querem apenas ir lá e ocupar, porque vão fazer isso, querem passar por todos os ritos. Não vão apenas meter o pé na porta, mas que não se esqueçam que farão isso também. A **Profa. Nora Maidana** disse que na USP, todos sabem, há alíquotas para determinados gastos em determinadas coisas e, assim como há dinheiro para recapear certas avenidas, assim como houve dinheiro para reformar uma rotatória como aconteceu na gestão anterior e assim como há dinheiro para a parte de informática, imagina que deva haver dinheiro para reformas e, nesse caso, deveria haver dinheiro para a reforma dos blocos. Esse tipo de coisa, esse orçamento que foi aprovado ou que deverá ser aprovado ou que está em ação neste momento, deve ter passado pelo Conselho Universitário ou passará. Então, se há necessidade de reformas ou não, tem que ser uma discussão de um dinheiro que tem estar destinado e devemos exigir que esse dinheiro, que deve existir, seja destinado para algum fim que os alunos precisem. Considera totalmente válida a reclamação dos alunos sobre os blocos, que não é única, concorda, mas esse assunto da transparência do dinheiro deve ser melhor administrado para que tenhamos alguma possibilidade de fazer uma reclamação e que alguma coisa seja positiva. O **Sr. Diretor** esclareceu que o orçamento da Universidade é aprovado na última reunião anual do Conselho

INSTITUTO DE FÍSICA DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO**A T A S**

Universitário, em dezembro, mas a discussão da proposta orçamentária deve ocorrer agora em setembro. O **Sr. Thandryus** esclareceu que vendo o PROAP da UFABC concluiu que lá funciona por bolsas como aqui; uma bolsa permanência de quatrocentos reais e bolsa alimentação equivalente a vinte refeições no bandeirão, menos do que aqui, na verdade. Em dois mil e quatorze houve uma greve lá por moradia porque são quatrocentos e cinquenta e cinco bolsas para seis mil e seiscentos e vinte e sete estudantes que precisariam de bolsa. Disse que lá há muitas repúblicas em volta como em Piracicaba, São Carlos etc., mas aí surgem os problemas com repúblicas como na ESALQ que teve casos de estupro em república e foi matéria para uma televisão, em dois mil e quinze, mostrando vários problemas com as repúblicas. Questiona se seria uma medida viável e há também a bolha imobiliária e na UFABC há todos esses problemas, também. Comentou sobre a questão da regularização dos estudantes que é algo que precisa ser revisto. Disse que havia saído no UOL uma notícia sobre noventa e sete estudantes irregulares lá. Isso comparado à quantidade de vagas que são necessárias e comparando à quantidade de vagas que seriam abertas nos blocos K e L é um número bem pequeno. Resolvendo a regularização desses noventa e sete estudantes ainda o problema seria bem grande. Prosseguiu dizendo que a administração da SAS precisa ser revista, ser mais democrática e transparente para todos. Disse que essa foi uma das reivindicações quando da ocupação da SAS, que foi prometida e não cumprida nessa gestão. Lembrou que na greve da UNICAMP foi prometido, também, o aumento de moradia, o que demonstra que nas universidades públicas esse é um problema recorrente. A **Sra. Mariana Cipolla** corrigiu o número de seis mil e seiscentos e vinte e sete alunos que precisam de bolsa, mas na verdade são os alunos matriculados na graduação, na UFABC, em dois mil e quatorze. É o total de alunos e não os que precisam de bolsa. Somando auxílio permanência, bolsa alimentação e bolsa moradia são quatrocentos e cinquenta e cinco alunos com bolsa na UFABC. Referiu-se a uma matéria jornalística sobre a greve da UFABC, em dois mil e quatorze, pedindo por moradia e explicando porque fizeram isso. A explicação é que, na época, ganhavam uma bolsa de trezentos reais para moradia estudantil e os aluguéis ao redor da universidade eram exorbitantes, por volta de mil e quinhentos reais, difícil de dividir em cinco que não deveria ser o caso desse apartamento. Os aluguéis ali, entre dois mil e oito e dois mil e quatorze, aumentaram cento e cinquenta e um por cento e o valor das bolsas não tinha mudado. Disse que apesar do auxílio com bolsa ser importante não deve ser a prioridade do problema; a prioridade deveria ser a devolução dos blocos e mais blocos de moradia e, talvez, outra solução em que não consegue pensar no momento. O **Sr. Thandryus** esclareceu que nas Diretrizes Orçamentárias da USP deste ano, haviam sido previstos três milhões e oitocentos mil reais para investimentos e reformas de moradia; no ano passado foram oitocentos mil reais e, neste ano, aumentou em três milhões de reais, mas que não viram nada que chamasse atenção. Essa moradia é de todos os campi da USP e não só do CRUSP. O **Sr. Diretor** disse que era importante descobrir se o dinheiro efetivamente fora gasto nisso, ou não. O **Sr. Lucas** esclareceu que não havia encontrado nada no sistema de gastos. A **Profa. Elisabeth Yoshimura** disse achar arriscado colocarmos qualquer coisa sobre bolsa no documento porque essa é a política da gestão Zago que quer terceirizar tudo. Da mesma maneira que dá bolsa creche, dá bolsa moradia e isso não resolve o problema. Sugeriu que se coloque a permanência, que se coloque alternativas como a devolução dos blocos K e L, entre outras alternativas, mas que não seja esse o foco. O **Prof. Antonio Figueiredo** disse que com relação à reivindicação, acha que ela está correta, mas discorda da Profa. Elisabeth Yoshimura e entende que deva ser colocada a questão da bolsa, também, porque vivemos numa

INSTITUTO DE FÍSICA DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO**A T A S**

realidade complicada, para dizer o mínimo, e qualquer sopro de solução é bem-vindo, seja a bolsa ou os blocos K e L. Afirmou ter ficado preocupado com a fala do Sr. Lucas que disse que os estudantes procurariam passar por todas as instâncias, mas meteriam o pé na porta na questão da moradia. Por enquanto, temos certa convergência do ponto de vista de finalidade, estamos de acordo que exista moradia estudantil, estamos dispostos a brigar por ela juntos, mas vivemos em um estado de direito, muito diferente da época que viveu onde existia um interventor aqui, havia um ditador na presidência da república; era outra coisa. Na medida em que aceitamos o estado de direito como o *frame work* quando a gente vai lutar, temos que ter estratégia e tática. Se podemos ganhar num dia, podemos perder em outro, essa é a dinâmica do movimento. Qualquer coisa que façamos no sentido de quebrar essa dinâmica, sem que haja uma concordância de todas as instâncias envolvidas, é um erro tático muito grande que pode fazer com que a finalidade seja deixada de lado e as forças que estão aqui juntas façam uma soma vetorial zero ou mesmo contrária ao que queremos. Considera que devemos usar todas as instâncias possíveis e imagináveis e temos que lutar juntos por alguma coisa em que acreditamos, mas qualquer atitude drástica como essa de meter o pé na porta é absolutamente impensável numa universidade, como dito no segundo ponto da pauta, que queremos. Cuidado com a tática, aconselhou. O **Sr. Diretor** disse entender que já foi bastante discutido o assunto e propôs que se faça uma comissão de redação dessa moção para que depois de escrita circule pelo IF para que as pessoas se manifestem antes de quinta-feira. O **Sr. Zeca Carvalho** disse que os estudantes já estão reescrevendo para mandar, depois, à Assistência Acadêmica a nova versão. O **Sr. Diretor** insistiu dizendo que isso não impede que escolham uma comissão de redação e mudem para outro item e, quando isso estiver pronto, discutimos essa versão e se todos estiverem de acordo seguimos em frente e, se não, a comissão de redação melhora o texto e colocamos em circulação outra vez. Disse que sua proposta de comissão é o Prof. Suaide e o Sr. Lucas Mussnich e todos concordaram. Se a redação que estava sendo feita pelos estudantes estiver conforme bem, caso contrário ficará a cargo da comissão de redação. Propôs que seguíssemos para o segundo item, fizéssemos a discussão e quando o texto que está sendo feito estiver mais maduro faríamos uma pausa para discutir a moção de novo.

2. Discussão sobre papel da USP: que universidade queremos ser? O **Sr. Diretor** disse que a proposta colocada pela Sra. Renata Biazzi começa por fazer um calendário de discussões sobre esse tema neste semestre. O item seguinte, proposta sua, discute o IF que queremos, passando pela colocação de cartazes, assunto que disse querer discutir explicitamente. O **Sr. Zeca Carvalho** disse que não queria falar muito sobre o calendário, mas sobre a Universidade que queremos e um pouco do IF que queremos porque na última Congregação houve cenas terríveis aqui, cenas de professores gritando que o chocaram, bem como aos demais representantes discentes. Disse terem ficado chocados com a agressividade de alguns professores, com a mesa Diretora que não soube controlar a situação, foi passiva, desrespeitando completamente os estudantes e o IF. Disse que fizeram uma Congregação aberta, super cheia, cerca de cem pessoas, que discutiram temas longamente e na Congregação subsequente, dessa vez ordinária, fechada, completamente esvaziada, com cerca de trinta pessoas, e os estudantes foram silenciados e agredidos verbalmente. Disse que, infelizmente, tiveram o silêncio da mesa Diretora e, o que mais magoou os estudantes, o silêncio dos outros professores tanto os que não estiveram na Congregação que tem sido muito esvaziada ultimamente, como os presentes que permitiram que essas cenas horripilantes acontecessem. Com certeza isso não faz parte da Universidade que querem e do IF que querem. Foi terrível. Disse que isso era um puxão de orelha

INSTITUTO DE FÍSICA DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO**A T A S**

para aqueles que foram agressivos, que desrespeitaram a Congregação aberta, que desrespeitaram o IF como um todo. Considera que aqui falta o senso de comunidade, falta sentir o IF como comunidade e não apenas como Congregação de Professores, como disse o Prof. Abdalla, o que não é verdade porque é uma Congregação do IF onde há professores, estudantes e trabalhadores. Espera que na próxima Congregação, de quinta-feira, não se repita a mesma coisa e deslegitime completamente um fórum legítimo que é a Congregação aberta. Repetiu que os estudantes ficaram magoados e chocados com a agressividade e com a passividade de professores que sabe discordarem desse tipo de atitude, que são a ampla maioria deste IF e que estão preparados para o debate. Disse que não querem uma Universidade que grite, que agrida e silencie estudantes. Não querem uma grande maioria que considere isso normal e aceite isso nos fóruns deliberativos. O **Sr. Diretor** disse concordar com as colocações do Sr. Zeca Carvalho, que já havia pedido desculpas e pediu, de público, mais uma vez. Também considerou lastimável a forma como a coisa se passou e pediu desculpas por sua passividade, mas ficou perplexo e afirmou não pretender ter essa atitude novamente, embora espere que isso não volte a acontecer. Disse ter conversado com o Prof. Elcio a respeito e afirmou que não ficará passivo em uma próxima vez. A **Sra. Mariana Cipolla** informou que na paralisação que os estudantes fizeram ontem, organizaram três atividades importantes que passaram por esse tema; o **Sr. Diretor** aparteou dizendo que esteve na roda de conversa às nove horas e vinte minutos e era o único que lá estava e a **Sra. Mariana Cipolla** respondeu que ela aconteceu nas mesas da lanchonete e começou por volta das nove e meia e foi muito interessante. Considera importante que seja discutida a questão das cotas e do ingresso pelo SISU, porque esse ingresso já foi falado durante dois anos nas Congregações e delegaram à Comissão de Graduação a obtenção de dados que embasassem como o SISU mudaria o perfil do estudante no IF e, pelo que apresentaram no começo do ano, não havia muitas novidades em relação às informações. Disse que parte desse calendário deveria ser um *feedback* mais constante da Comissão de Graduação de como está essa questão. Disse que os estudantes também procuram dados, vão atrás de informações, mas não conseguem nada e acredita que seja mesmo difícil de obter. Disse que gostariam que isso fosse estudado, principalmente agora que várias faculdades já usaram o SISU, como isso afetou em outros cursos. Afirmou que sabem que vários adotaram uma nota de corte muito, muito alta e que várias vagas do SISU não foram preenchidas por causa disso e a mudança que isso causou não foi nada inclusiva, que algo que pleiteiam, ou seja, que essas vagas fossem destinadas a estudantes da escola pública e que em várias dessas faculdades isso não aconteceu. Considera que deveria ser pedido à Comissão de Graduação que coletasse os dados dessas faculdades e que reportassem, de forma mais periódica, acompanhando suas discussões para que no próximo ano tenham uma discussão mais qualificada sobre adotar ou não o SISU. Também desejam discutir a questão das cotas, algo pouco discutido neste IF, e desejam que essas discussões sejam feitas ao longo deste semestre e durante o próximo ano e, para isso, sugere que não haja aula para que os estudantes possam comparecer e manifestar o que pensam e o que sabem e ressaltou a importância dessas discussões. O **Sr. Diretor** esclareceu que a Comissão de Graduação não está parada nesse sentido e que há uma dificuldade grande em conseguir certos dados. Disse que estamos trabalhando em conjunto com o IME e a dificuldade é que a FUVEST passa os dados socioeconômicos de forma integrada, sem o nome do aluno e, no Júpiter, consta como os alunos se desenvolveram ao longo dos semestres e queremos fazer uma correlação entre o desenvolvimento dos alunos e nota de ingresso, situação socioeconômica etc., mas não conseguimos

INSTITUTO DE FÍSICA DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO**A T A S**

associar os dados do Júpiter aos da FUVEST. Há meses isto acontece e não conseguimos convergir e o professor do IME que criou o Júpiter está trabalhando para melhorar essa questão, mas está muito complicado, temos tido muita dificuldade até porque essa discussão de cotas que é importante não precisa necessariamente ser feita só pelo SISU, pode ser feita pela FUVEST, também. Tudo isso está sendo tratado. A **Sra. Catarina Aydar** falou sobre os cartazes e se disse surpresa pelo fato do Prof. Manfredo se considerar ofendido e não considerar a ofensa que aquilo é, diariamente, para os estudantes. São alguns exemplos, talvez já seja o momento de tirar, mas o argumento não é esse de que é ofensivo para ele. Perguntou o que vão fazer com essa ponta gaussiana que é responsável por grande parte da evasão aqui dentro. As questões de permanência estudantil também passam pela didática de um professor, também passam pelo seu comportamento, sempre assumindo que ele é uma figura de autoridade em uma sala de aula e existe a questão do conflito geracional, não só de assumir que é uma autoridade por questão de experiência, mas a sua geração, a juventude, tem questionado muito o modo como as pessoas que geralmente são marginalizadas, que são oprimidas, que estão mais fragilizadas perante as várias circunstâncias sociais são tratadas. Considera que não se pode mais dizer "foi uma piada, foi um deboche, foi só um comentário". Esse comentário fica na pessoa de um jeito que nunca se sabe como é e pode ser a gota d'água daquela pessoa que já está exausta de um curso onde o sadismo é constante. A pessoa acha que se não sofrer, se não dedicar sua vida inteira para o IF que nem um condenado não será nada, será uma pessoa que veio aqui e falhou, é uma meritocracia do herói que vai sofrer o caminho inteiro até conseguir ser chamado de Físico perante a sociedade, que nem está interessada em nada. Acha que estão estudando algo que nem faz sentido para ela. Sugere que é necessário conversarem mais os colóquios sobre como se dá o processo de formação aqui e não só no viés curricular acadêmico, mas um processo de acompanhamento psicológico das pessoas que passam por aqui. Considera que atividades como a que aconteceu ontem ajudam bastante, um debate com quatro professores e muitos alunos que trocam ideias e podem perguntar o que o professor espera deles como aluno, porque isso não é o que eles esperam de si mesmos como estudantes. O que esperam do professor é didática e alguns se orgulham de nunca terem tido um curso de pedagogia, nada de didática, porque são pesquisadores, dizem estar aqui como um Físico e é isso que a Universidade espera deles, apenas um Físico. A pesquisa é o que mais importa e os alunos podem seguir na sua carona se tiverem o carão de bater à sua porta e perguntar algo, se quiserem trocar alguma ideia e saber o que está acontecendo, mas seu papel está bem claro porque os impostos estão sendo pagos e esquecem que os estudantes precisam de uma formação de um cidadão intelectual, disse. Prosseguiu dizendo que isso se perdeu muito na Universidade como um todo porque as pessoas vão seguindo suas especificidades e não pensam no retorno que devem dar, depois, como uma formação intelectual que tiveram o privilégio de ter, de estar aqui, de ser a elite, que as pessoas querem que esteja aqui na Universidade de São Paulo para representar o país, um grande polo da pesquisa etc. Isso também envolve atuações de como a pessoa se posiciona no mundo, não são seres isolados que ficarão em sua salinha, vinte e quatro horas por dia, estudando, ou pelo menos não deveria ser. Deveríamos estar considerando outras questões, como a de cotas, de pessoas que não estão aqui. O **Prof. Ivã Gurgel** disse concordar que estamos num momento de pensar tanto acesso quanto permanência na Universidade e considera bastante importante que se faça discussões regulares para que não se chegue ao momento da decisão e se faça uma discussão meio corrida e uma decisão seja tomada. Disse que a Comissão de

INSTITUTO DE FÍSICA DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO**A T A S**

Graduação tem trabalhado muito na obtenção de dados, mas há outras Universidades com experiência acumulada, existem pesquisas já bem consolidadas sobre diversos assuntos, desempenho de cotistas etc. e sugeriu que se convidassem pessoas que já pesquisaram isso e têm dados históricos acumulados para fazer um colóquio ou seminário. Prosseguiu dizendo que esteve em uma reunião sobre permanência estudantil com o Prof. Mário Sérgio Vasconcelos, da UNESP, que é Coordenador lá de algo equivalente ao SAS e que lhe pareceu alguém bastante preocupado, tem desenvolvido estudos e a UNESP já tem acessos diferenciados. É alguém que parece dominar bem o assunto. O **Sr. Bruno** levantou uma questão que, segundo ele, tem a ver com a Universidade que queremos: a evasão que é muito grande no IF e perguntou o que a Comissão de Graduação tem feito e o que pode fazer para diminuir a evasão. Disse que alunos chegam aqui com algumas expectativas e percebem que o curso é diferente do que esperava. O **Sr. Diretor** esclareceu que a evasão de cursos de Física em todo o mundo é parecida com o que temos aqui. O **Sr. Lucas Mussnich** disse que quando falam da Universidade que queremos levantam uma série de problemas que enfrentam e se perguntam como resolver esses problemas e se deparam com o problema da estrutura de poder na Universidade, tema que sugeriu para debate. Disse que essa estrutura é a mesma da época da ditadura, inclusive a parte regimental. Disse que, neste ano, os alunos que vivem no CRUSP ocuparam a SAS por várias reivindicações e a USP solicitou a reintegração de posse. O Juiz não deu a reintegração imediata e chamou a USP para negociar em juízo. Passou a ler uma carta que dizia "*Magnífico Reitor, em razão da inclusão da USP no SISU, através do ENEM, que poderá impactar na oferta de vagas para moradia com possível aumento de demanda de alunos com maior vulnerabilidade social, solicito que seja realizado um estudo sobre o aproveitamento dos blocos K e L para eventual moradia estudantil ...*" Ocupar, segundo o Juiz, foi democrático. Não estamos saindo do estado de direito ao usar outras metodologias e vamos usar todas as que forem preciso para atingir nossas demandas, disse. Prosseguiu dizendo que se conseguirem força aqui para não precisar usar, ótimo e, por isso, dizem contar conosco. É preciso um comprometimento verdadeiro dos outros setores, que não os estudantes, para conseguir essas demandas. O **Sr. Diretor** informou não ter mais nenhum inscrito, mas seguindo sugestão da Sra. Renata temos o calendário de discussões, assunto que não foi tocado, e pelas colocações que foram feitas acredita que temos muito para discutir. Disse considerar importante que discutamos os vários aspectos da convivência aqui dentro, do que seria a Universidade que gostaríamos de ter, para o que precisaremos de vários itens, e é necessário fazermos um calendário de discussões. O **Prof. Antonio Figueiredo** referiu-se ao Sr. Zeca Carvalho dizendo que é absolutamente inverídico que tivesse gritado com ele, dado que mal consegue falar quanto mais gritar. Disse que em relação aos cartazes considera que isso realmente faz parte de uma Universidade, do espaço de convivência geral que temos aqui. Admitiu sentir-se um pouco atacado pelos cartazes que estão afixados, sente-se agredido, mas acha que os estudantes têm todo o direito de se manifestar. Contudo, se existe um mural do CEFISMA, um local onde essas coisas podem ser colocadas, não entende porque ele não é usado. Disse não gostar de ver uma parede pintada com o dinheiro público tendo cartazes colados, muitas vezes apócrifos. A FFLCH atualmente se encontra num estado de degradação horrível, segundo vídeos que viu no *facebook*, e considera difícil viver num local como aquele. Apelou que tenhamos locais para manifestação e se o aluno recebeu uma frase dita em sala de aula que ele considere abusiva ou ofensiva, há canais para reclamar que são mais eficientes e o Diretor poderia tomar atitude. Considera importante que se discuta isso porque há visões diferentes e é muito possível que

INSTITUTO DE FÍSICA DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO**A T A S**

tenhamos um ponto de convergência, desde que haja não só diálogo, mas abertura. Disse que aqui estamos aprendendo a sermos cidadãos e entramos nesta Universidade para ensinar e aprender Física. O aluno que está aqui tem que, primeiramente, aprender Física e ser responsável pelo custo financeiro que ele tem aqui. Qualquer um de nós tem que fazer o melhor possível, ensinar e aprender. A **Sra. Bruna Nascimento** voltou ao assunto dos cartazes dizendo que os estudantes não buscam nenhuma solução com eles lá, não esperam que eles solucionem alguma coisa, esperam que eles pressionem para que alguma coisa seja feita. Já existem os canais, já existem os meios para isso ser solucionado, esse tipo de agressão e de desrespeito só que eles não funcionam; isso é fato e disse terem muitos exemplos de que as coisas não vão para a frente porque para quem interessa isso não é bom que vá para frente. Então, colocam os cartazes para que todos vejam e, como aconteceram os Congressos aqui, muitas pessoas do Brasil e de fora viram e isso pressiona porque nenhum Instituto gosta de ser visto dessa maneira e, aí, começa a ser interessante para quem interessa que essas coisas comecem a ser solucionadas. Isso é apenas uma forma de pressão porque não esperam que isso seja solucionado, disse. Referindo-se ao calendário, informou que o GT está planejando um em setembro sobre cotas, a partir da segunda semana de setembro, com debates e discussões. O **Sr. Thandryus** lembrou que o Prof. Manfredo sugeriu que um dos colóquios fosse sempre voltado para a questão social ou política e disse gostar bastante dessa ideia e sugeriu que isso fosse colocado em prática. Com relação aos cartazes, disse que não é preciso gritar para ser favorável a uma opressão ou alguma coisa que esteja acontecendo, às vezes o silêncio também é muito opressor. Prosseguiu dizendo que como toda a Congregação ficou silenciosa diante de toda aquela violência considera que ela mostrou-se violenta, também. O mesmo acontece com os cartazes do "meu professor disse" porque escutam sempre aquilo, a Ouvidoria foi criada apenas neste ano e dois casos que lá estão, como perseguição de professor contra estudante na internet e caso de machismo, não obtiveram solução, segundo sabe. Disse que os cartazes não são um ataque pessoal, mas uma exposição do que acontece no IF e, se não for mostrado, ninguém vai saber e vai continuar existindo. Disse que ao lerem as frases as pessoas concordam que são absurdos e querem fazer algo para mudar e que sem elas não estaríamos tendo essa discussão agora sobre o machismo, a homofobia que existem dentro do IF. Referindo-se à questão da poluição visual, informou que ele e o Sr. Yuri limparam parte dos diversos anúncios de aluguel que estavam colados, com cola mesmo, na parede e se é para fazer isso, deve-se solicitar a limpeza de todas as paredes e não só daquele lugar visível e os cartazes não estão no mural do CEFISMA porque não foi ele que fez, é um movimento autônomo que escolheu a parede da biblioteca justamente para dar mais visibilidade. A **Sra. Renata Biazzi** fez uma síntese do que foi dito na segunda pauta para podermos passar adiante. O GT está organizando esse mês das cotas e, durante o semestre, organizará as atividades para discutir as outras pautas que foram levantadas como cotas, estrutura de poder na USP, evasão do curso, que podemos discutir melhor como abordar cada um deles e afirmou ter gostado da ideia de se fazer um colóquio por mês abordando esses temas porque fora e dentro da USP há muita gente já discutindo esses temas. Considera que aqui no IF a discussão sobre isso ainda é muito pequena. Reportou-se ao Prof. Antonio Figueiredo sobre a principal coisa que os estudantes fazem aqui, aprender Física, dizendo que para aprender Física os estudantes precisam de muitas outras coisas por trás, que sem elas não aprendem, como a relação professor e aluno em sala de aula, tem a dificuldade de chegar aqui, ter que trabalhar, não ter onde morar, a bolsa de quatrocentos reais não sustenta quem quer morar em São Paulo. Aprender

INSTITUTO DE FÍSICA DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO**A T A S**

Física, que é o principal objetivo dos estudantes aqui, depende de muitos outros fatores e por isso querem discutir. O **Sr. Diretor** lembrou que os colóquios são organizados pela Comissão de Pesquisa que tem um calendário. Não podemos simplesmente marcar um colóquio para determinada data porque é possível que já tenham algo agendado para aquela data. Fundamental é que se converse com a Comissão de Pesquisa para acertar esses detalhes *a priori*. A **Sra. Renata** concordou. A **Sra. Mariana Cipolla** esclareceu que referiu-se à questão dos Colóquios porque no horário deles não há aula. O **Sr. Diretor** disse achar o horário ótimo e a **Sra. Mariana Cipolla** prosseguiu reportando-se aos cartazes e dizendo que não usam apenas o mural do CEFISMA porque têm apenas uma parede e percebem que quando colocam um cartaz ele não é visto pelas pessoas e então colam mais de um cartaz em diversos lugares para divulgar a atividade. Disse que se houvessem mais murais pelo IF poderiam usar. O **Sr. Zeca Carvalho** referiu-se ao que muitos pensam em relação aos cartazes de que são apócrifos, mas essas pessoas, que sofreram esses ataques, são muito vulneráveis e relatou que já houve caso de desligamento de aluno pelo professor por causa de divergências políticas. Disse que o IF já perdeu alunos brilhantes, que tinham tudo para trazer excelência, fazer pesquisa de ponta e foram desligados. Isso justifica o fato dos cartazes serem apócrifos. O **Prof. Manfredo** retomou o item “a Universidade que queremos” e afirmou que um dos pontos da universidade que ele quer é uma universidade participativa. Disse notar que os Colóquios estão sempre vazios e que raramente os estudantes participam. O Colóquio é uma atividade do IF, uma atividade acadêmica, comunitária e temos que participar. Vieram jornalistas, veio um jornalista famoso, importante, que fala de ciência e não havia ninguém. Veio o Pró-Reitor de Pesquisa e não havia quase ninguém, estudante então não se vê aqui. Veio o Prof. Gil e aí, então, sim vieram os seus alunos para reclamar da sua aula, mas os demais não vieram. O colóquio é uma atividade que faz parte da nossa vida acadêmica e a participação nele não é só política, é acadêmica, é científica, é de inteligência, é de conhecimento e temos que participar. Disse que quer ver estudantes abordando-o ou abordando os outros professores no café, no almoço, conversando no bar, discutindo ciência, discutindo Física, discutindo política, normalmente. Não é só na Congregação que vamos fazer alguma diferença ou a representação vai fazer alguma diferença; o que vem para a Congregação já foi discutido, aqui é só o ponto final da questão. Todos os assuntos que vêm para a Congregação foram conversados antes em pequenos grupos, em grandes grupos, a discussão rola ao longo dos dias aqui dentro e essa participação é parte da nossa vida acadêmica. Não é só Colóquio, temos os Seminários de Grupo que são anunciados e onde se pode ir, não é proibido, como não é proibido abrir a porta do Laboratório e falar com o professor, também ninguém proíbe. Na Universidade tudo que não é proibido explicitamente, é permitido e há muito pouca coisa proibida, diferentemente de lá fora onde quase tudo é proibido e muito pouco é permitido. Temos que usar essa liberdade que temos e não usamos. Depois queremos um Colóquio específico para uma determinada atividade e reclamam que não vai ninguém; ninguém vai aos outros, qual é a ideia, questionou. Voltou a dizer que quer uma Universidade onde se discuta Física, Academia, conhecimento, Ciência e política e não apenas usar alguns ambientes como plataforma política para reivindicações. A reivindicação é parte da nossa vida, não é só a nossa vida. O **Sr. Leonardo Soares** comentou que quando foi aluno da graduação participou de alguns Colóquios e não entendia nada, acabou desistindo de ir. Muito do que vê nos Colóquios são coisas impostas aos alunos que vêm assistir ao Colóquio, não entende nada e muitas vezes nem fazem perguntas porque não entendem do assunto. Sugeriu que se faça um estudo para que nos Colóquios haja o que realmente os alunos querem ver

INSTITUTO DE FÍSICA DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO**A T A S**

e não simplesmente algo imposto a eles. O **Prof. Martinelli** pontuou a questão dos Colóquios dizendo que nenhum professor vai a um Colóquio e sai entendendo tudo, geralmente saem com mais questões. Esse é o objetivo do Colóquio, levantar dúvidas, levantar questionamentos. Lembrou que temos a programação e boa parte do interesse do Colóquio é divulgar pesquisa, divulgar Física. Esse é o principal enfoque do Colóquio, disse. Prosseguiu dizendo esperar que nossos estudantes de Física, de Bacharelado e Licenciatura, sejam interessados em Física porque procuram trazer o que há de mais ensejante, de mais palpitante no tema aqui abrindo espaço, como nos três últimos colóquios, para assuntos correlatos à área de Física. Lembrou que os Colóquios são voltados mais para a formação dos estudantes de Física e outras áreas e a proposta do Convite à Física, comandado pelo pessoal do Departamento de Física Matemática, que é feito justamente no horário de transição do período da manhã para o noturno de forma que tanto o pessoal da manhã quanto da noite possa assisti-lo. O **Sr. Thandryus Augusto** disse que havia entendido, em conversas com alguns professores, que o Colóquio quando foi criado não era para ficar restrito às questões de pesquisa e isso acabou acontecendo, eventualmente, por outras questões. A ideia eram discussões dentro da comunidade do IFUSP de questões sociais, questões políticas. Perguntou como foi, na realidade, a criação do Colóquio. O **Sr. Diretor** esclareceu que o Colóquio é organizado pela Comissão de Pesquisa e é, em princípio, para tratar de temas que sejam relevantes para a comunidade. A maioria deles é na área de pesquisa, por isso é cuidado pela Comissão de Pesquisa, mas o estilo depende principalmente do Presidente da Comissão de Pesquisa e ela ajuda a pensar nos nomes a serem convidados, mas cada conjunto que forma a Comissão dá um caráter para os Colóquios e isso varia ao longo do tempo e não tem uma regra, e é bom que não tenha. O **Sr. Zeca Carvalho** disse que já está há quatro anos no CEFISMA e fez muitas atividades sobre Física, sobre política e muitas delas foram extremamente cheias outras extremamente esvaziadas e disse que dá um aperto no coração quando se faz atividades, divulgam e ela é esvaziada. Disse que sua geração não quer as coisas prontas, herméticas para comparecer, ela quer participar do processo de construção e esse é o melhor jeito de fazer com que as pessoas compareçam ao Colóquio. Sugeriu, para sanar o problema colocado pelo Prof. Manfredo, que fossem chamados os estudantes, fosse pensado juntamente com o CEFISMA a elaboração do Colóquio. Disse que isso aumentará a audiência porque o sentimento de pertencimento é muito importante. Quando alguém se sentir pertencente à organização preencherá mais os espaços. Concordou, em relação à Universidade que queremos, que falta diálogo sobre Física porque há uma barreira gigantesca entre professores e estudantes. Sugeriu, também, a exemplo de outras Universidades pelo mundo, que haja um espaço de café, um espaço físico para convivência das pessoas. Um espaço que seria preenchido por professores e estudantes e seria um espaço privilegiado para a existência desse tipo de conversa. O **Prof. Manfredo** disse que os mais velhos, como ele, sabem que esse espaço já existiu aqui e foi reduzido devido a circunstâncias externas à Universidade. O **Sr. Lucas Mussnich** disse que estão todos aqui para aprender Física e o Colóquio, para ele, parece uma atividade didática e considera que falta uma compreensão mais ampla sobre o que é didática para todos os professores. Parece que eles têm uma única interpretação sobre o que é didática e não estejam dispostos a dialogar sobre ela. Disse que há várias escolas sobre o que é uma boa didática e poderíamos experimentar algumas coisas como, por exemplo, a construção dos Colóquios em conjunto com os estudantes. Também pensar em disciplinas de graduação realizadas em conjunto com os estudantes, não Monitoria, mas a participação efetiva dos estudantes na construção do conhecimento o que já acontece em algumas aulas e

INSTITUTO DE FÍSICA DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO**A T A S**

admitiu que foram essas as aulas em que mais aprendeu, quando participou do conhecimento. A construção do conhecimento tem que ser coletiva e não tão hierárquica. O **Prof. Marcelo Martinelli** agradeceu a sugestão sobre os Colóquios e lembrou aos estudantes que há uma vaga dentro da Comissão de Pesquisa para os estudantes, mas ela não está sendo ocupada. Não houve nenhuma indicação de estudante para a Comissão. Disse que a Comissão de Pesquisa permanece aberta a sugestões de Colóquios que podem ser feitas por *email* para os docentes da Comissão ou para a secretária da Comissão. Após uma reclamação inaudível de um estudante, respondeu que estão pedindo para um representante discente participar da Comissão, contribuir, fazer sugestões. O **Sr. Thandryus Augusto** lembrou que a vaga de representante discente na Comissão de Pesquisa é para aluno de Pós-Graduação. Sugeriu que seria interessante abrir um espaço para a representação de um aluno da graduação na Comissão. Disse que uma discussão importante no quesito qual a Universidade que queremos é a pergunta para que e para quem estamos aqui fazendo Física, duas questões importantes porque a pesquisa em Física é bonita e estamos aqui porque gostamos, mas ela isolada do mundo, por si só, não faz nada. É preciso saber para quem se está fazendo a pesquisa em Física ou construindo um conhecimento. Disse que acredita ser possível construir uma sociedade mais justa, falando utopicamente, mas é preciso ter noção e ter esse norte enquanto fazemos as coisas. Muitas vezes a pesquisa em Física também serve para produzir tecnologia e, muitas vezes, a tecnologia pode servir para a construção de uma sociedade mais injusta. Há que ter-se essa responsabilidade social porque estamos numa Universidade pública e essa é uma discussão que deve nortear tudo aqui dentro. Sobre a ideia de criar-se um espaço de convivência, considerou muito boa. Disse que no IME existe esse espaço e que aqui não se tem muito contato com os docentes, o contato fica restrito a outros estudantes, e nem com funcionários e os funcionários com outros docentes. Considera importante porque estamos quase o dia todo aqui, juntos e é preciso esse espaço porque sente falta desse tecido social entre as três categorias aqui existentes. O **Prof. Paulo Nussenzeig** referiu-se a esse comentário de construção social ou do conhecimento e o que estamos fazendo aqui. Pensa que a melhor definição vem de Feynman que diz que "Física é como sexo, não há dúvida de que pode trazer resultados práticos, mas não é por isso que fazemos". Outra observação que fez foi acerca dos Colóquios dizendo que eles não foram inventados nesta Universidade, é uma atividade acadêmica que existe em todas as boas Universidades do mundo. O propósito dessa atividade acadêmica é trazer para aquela comunidade informações sobre os maiores avanços recentes nas áreas que supostamente são de interesse daquela comunidade. Essa é a intenção dos Colóquios: ter uma discussão em um ambiente acadêmico propício a que todos estejam bem informados e em condições de discutir a ciência que lhes interessa no mais alto nível. Existe uma observação sobre o fato de os Colóquios não estarem cheios e, de modo geral, essa é uma observação que remete a uma culpa nossa, corpo docente. Nós não estamos fazendo o trabalho adequado de trazer, justamente, esses assuntos palpitantes para que a nossa comunidade perceba a importância disso na sua vida acadêmica. A responsabilidade, hoje, é da Comissão de Pesquisa, há alguns anos é dela, e nós estamos falhando nisso. Se compararmos com o Convite à Física, a maioria deles teve público bem mais amplo porque houve uma escolha muito cuidadosa, não apenas dos temas, mas dos palestrantes que vinham aqui para apresentar algo acessível para os estudantes, colóquios dedicados aos estudantes. Os Colóquios do IF não são dedicados aos estudantes de graduação, são dedicados à comunidade do IF em geral. Um bom Colóquio tem que ser iniciado com uma introdução que seja acessível a todos, que vá

INSTITUTO DE FÍSICA DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO**A T A S**

evoluindo para aspectos técnicos que não serão acessíveis a todos e que de modo geral serão acessíveis a especialistas daquela área e uma conclusão que seja acessível a todos, de modo que todos tenham uma mensagem para levar daqueles Colóquios. Estamos falhando nisso, temos que reconhecer que estamos falhando nisso e melhorar o nosso trabalho. O **Sr. Leonardo Soares** disse que, como foi atacado, queria que as pessoas soubessem quem é ele. Disse que é aluno da Pós-Graduação e durante a Graduação foi representante discente e se sentiu com pouca voz, ou quase nenhuma. Informou que era o único representante discente do Departamento de Física dos Materiais e Mecânica e, muitas vezes, foi apenas como espectador. Infelizmente, as pessoas do grupo não o inseriram para que ele realmente pudesse colocar algumas opiniões relevantes. Os itens eram aprovados por consenso e ele não conseguia falar o que ele precisava. Quando há apenas um representante discente, ele se sente coagido pelo meio; se houver muitos professores e um aluno, o estudante fica acuado para expressar qualquer opinião dentro de qualquer âmbito. Sinceramente, disse, não sabe se arrepende ou não de ter sido representante discente porque, mesmo que a experiência para ele tenha sido válida, se sentiu muito acuado. A **Sra. Mariana Cipolla** disse que o que os estudantes queriam colocar sobre os Colóquios é exatamente o que foi dito pelo Prof. Paulo Nussenzveig. Os Colóquios são muito técnicos e parecem não ser para os estudantes, diferentemente do Convite à Física que atrai muito mais os estudantes. Referindo-se à representação discente disse que desde 2014, quando entrou no IF, é representante discente na Congregação. Informou que sempre preenchem as vagas de representantes discentes na Congregação porque é mais fácil para se colocarem e têm respaldo no que falam; atualmente são seis. Na maioria dos Departamentos e nas Comissões têm apenas um representante discente em cada. Há alguns que têm dois. Concordou com o colega que disse que os representantes discentes não se sentem à vontade para colocar suas posições nesses lugares, se sentem acuados porque suas posições ou não serão ouvidas ou serão rechaçadas ou sofrerão algum tipo de perseguição política, posteriormente, por causa disso. Considera muito importante que os estudantes ocupem as vagas de representantes discentes porque é o espaço que têm. Ao mesmo tempo, considera muito difícil colocarem-se onde há muitos professores. Afirmou que gostaria que fizessem essa reflexão sobre isso; não simplesmente que há vagas de representantes discentes que os estudantes não ocupam. O porquê não ocupam essas vagas, como é vista a posição do representante discente neste IF, como as outras categorias enxergam os estudantes deste IF, essa sim é a reflexão que devemos fazer. O **Sr. Danilo da Silva Junior** relatou que vive numa correria tendo aula aqui, tendo que trabalhar fora, correria com a Iniciação, na luta para se formar e disse não saber se por isso fica tão desinformado ou se é uma realidade comum a outros colegas seus. Disse que foi na Congregação aberta que descobriu que os alunos têm participação nesse tipo de coisa. Aqui, agora, foi que descobriu que os alunos têm vaga em Colóquio para discutir isso. Tantas coisas que não sabia que existiam, disse. Corroborou o que foi dito sobre um aluno no meio de vários professores não se sentir à vontade para opinar dado que ele, exceção, não faz parte do meio, não é parte comum. É algo que incomoda, disse. Sobre os Colóquios, disse saber que eles acontecem toda quinta-feira, mas disse que nunca fica sabendo o tema e, por conta de sua correria, é difícil participar. Referindo-se à dúvida do aluno em um Colóquio, disse que ela é diferente da dúvida de um professor que já tem um domínio do tema e sua dúvida é um trampolim para outro conhecimento. A **Profa. Elisabeth Yoshimura** informou que estava afastada e não compareceu às últimas Congregações, mas ouviu sobre elas e não foi bom o que ouviu. Disse que, do que estamos escutando hoje, há um problema fundamental e

INSTITUTO DE FÍSICA DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO**A T A S**

uma das melhores iniciativas que a Direção fez, no sentido de melhorar algo que devia ser a base da Universidade que todos nós queremos, que é o respeito de cada um pelos outros e pelo todo. A desinformação acontece e cada um é diferente do outro e, se não respeitarmos essas diferenças, fica difícil. Se cada um que entra num Colegiado se sente numa posição de que não está sendo respeitado, isso não está bom. Disse já ter participado de diversas Comissões em que havia estudantes muito participativos e que fizeram a diferença naquela Comissão. Considera que estamos vivendo um momento muito ruim e pensa que todas essas reuniões que temos tido e tudo que tem sido feito, seja por boas vias ou por más vias, está fazendo com que a gente construa muita coisa e não devemos perder isso, mas especificamente nas Comissões é importante ter os estudantes, é um contra seis. Nos Conselhos é pior, mas em alguns há dois em quinze. Disse que no Conselho do seu Departamento são dois, mas que nunca viu os dois em uma reunião e, em geral, não são muito participativos. Disse que, talvez, uma organização que havia anos atrás, em que o conjunto dos estudantes se reunirem e serem representações coletivas da comunidade, fosse uma maneira de cada um se sentir melhor colocado naquele momento, naquele Colegiado. Um estudante solto lá dentro talvez seja ruim, mas os estudantes sabem o que têm que fazer, essa coisa tem que ser coletiva, e ele tem que se sentir ali representando um conjunto de pessoas e não só a ele. Disse achar o Colóquio aberto um pouco mais complicado, dizer que não há aulas nas tardes de quinta-feira é uma grande mentira porque ela, seguidamente, é premiada com aulas às quintas-feiras. Chamou atenção para o fato de ser importante participarmos de todas essas coisas, inclusive das Congregações. Estamos construindo no dia a dia, não há receita, finalizou. O **Prof. Ivã Gurgel** retomou o assunto da Universidade que queremos, concordando com a fala do Prof. Manfredo, mas diz que quando nos questionamos pelo fato dos Colóquios serem esvaziados etc. diz que devemos pensar um pouco sobre as condições objetivas de realização disso. Com relação à participação dos estudantes, seja em Colóquios ou qualquer outro espaço, considera que ela está totalmente correlacionada com nossa discussão anterior sobre permanência. Informou que conversa bastante com os estudantes por conta da CoC e vê que há uma grande porcentagem de estudantes que trabalham e não podemos perder de vista que isso é uma distorção. Infelizmente precisam trabalhar para se sustentar e, às vezes, se torna esse estudante à parte da comunidade. Não há uma solução imediata, mas quando se discute permanência estudantil temos que levar isso em conta. Relatou uma experiência que ainda precisa ser muito aprimorada, mas que vai em direção positiva. Disse que na CoC têm tentado valorizar a participação estudantil; têm um representante discente e, dependendo da pauta, convidam mais estudantes para participar e disse que, algumas vezes, solicita aos alunos de primeiro ano que indiquem um colega para participar. Na condução da reunião há um esforço para dar fala aos alunos. Exemplificou dizendo que vão realizar, na semana de dez de outubro, a Segunda Semana da Licenciatura. Foi feito um piloto no ano passado e agora acontecerá o evento que foi totalmente organizado pelos estudantes. O ponto importante é justamente os alunos tomarem a frente da organização. É um trabalho que precisa ser aprimorado, mas vai nessa direção de inserir os estudantes na comunidade de modo profundo. O **Sr. Diretor** manifestou-se sobre a questão dos cartazes dizendo que sabe que eles são uma obra coletiva sem líder, sem responsável e é muito difícil dialogar com situações como essa. Deixou claro que impedirá a colocação de cartazes em lugares que não sejam murais devidamente feitos para esse fim. O fato de ter permitido que esses cartazes fossem fixados por todo esse período gerou a colocação de um cartaz de uma Livraria nas paredes anunciando uma liquidação. Afirmou não querer isso no IF e pediu aos alunos que

INSTITUTO DE FÍSICA DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO**A T A S**

retirassem os cartazes para outro lugar; disse que, a partir da próxima quinta-feira, se ainda estiverem pendurados, esses cartazes serão sumariamente retirados. Insistiu, dizendo que se forem recolocados serão novamente retirados e quem colocar cartazes em locais indevidos será punido dentro da lei. Uma estudante que não se identificou perguntou onde os cartazes poderão ser colocados e o **Sr. Diretor** respondeu que nos murais onde há molduras e um fundo para espetar o papel. Disse que poderão rediscutir a destinação dos demais murais dentro do IF porque, claramente, estão sendo mal utilizados. O **Sr. Thandryus Augusto** perguntou se essa limpeza valia para outros cartazes que não os dos estudantes e o **Sr. Diretor** afirmou que sim. Passou a ler o texto da moção: *"A USP capital conta atualmente com cerca de oitenta mil estudantes e possui mil e seiscentas vagas no CRUSP, Conjunto Residencial da USP. Isso corresponde a apenas dois por cento de alunos com acesso à moradia estudantil. Entendemos o problema da moradia como uma restrição ao acesso e à permanência na Universidade que tem por consequência a evasão de estudantes com condições socioeconômicas desfavoráveis, prejudicando o cumprimento do papel da universidade pública. Segundo os dados da FUVEST de dois mil e dezesseis, dezesseis por cento de estudantes que ingressaram na USP declaram-se com renda familiar menor do que três salários mínimos, critério utilizado para se concorrer a uma vaga no CRUSP. No Instituto de Física o número de alunos ingressantes nessa situação é vinte e seis vírgula quatro por cento na carreira de Licenciatura e de dezoito vírgula quatro por cento na carreira de Bacharelado. Existe, portanto, uma demanda por aumento do número de vagas de moradia oferecidas pela Universidade. Por isso, a Congregação do Instituto de Física da USP reconhece como necessária a conversão dos blocos K e L do CRUSP em moradia a fim de fomentar a permanência estudantil na Universidade, conforme prometido em dois mil e nove pela Reitoria. Reivindica-se que os blocos sejam restituídos como moradia estudantil de forma a atender parcialmente a demanda dos ingressantes e auxiliar a sanar o atual déficit de vagas. Ademais, é de imediata importância que as políticas de permanência estudantil contem com maior transparência no fornecimento de seus dados e critérios utilizados para oferecimento de vagas e bolsas e que regularize as moradias atuais para estudantes matriculados. Também é necessária especial atenção à segurança das mulheres e famílias que lá residem. A Congregação do Instituto de Física reconhece, por fim, que ações na direção de fomentar a permanência estudantil na Universidade como essenciais para uma parcela significativa dos alunos desta Universidade. A conversão dos blocos K e L em moradia é um passo importante, mas não é único; devemos, também, tomar como necessária a implementação de medidas de longo prazo, investindo na melhoria e expansão da infraestrutura do CRUSP, além de uma maior transparência na Administração Central em relação aos programas de permanência na Universidade."* O **Sr. Diretor** considerou bom o texto, mas sugeriu um *copy desk* para melhorar o português. Solicitou à Assistente Acadêmica que colocasse na pauta da próxima Congregação. A **Sra. Mariana Cipolla** lembrou que no começo da sessão haviam sugerido votar de forma simbólica o texto para indicar para a Congregação fechada qual foi a posição da Congregação que discutiu o assunto. O **Sr. Diretor** opinou que fosse levado como texto sugerido pela Congregação aberta porque esta Congregação é não deliberativa. Por fim, foi votado e foi aprovado com vinte votos favoráveis e quatro abstenções. Nada mais havendo a tratar, o Sr. Diretor encerrou a reunião às 11h55min e eu, Maria Madalena Salgado Bermudez Zeitum, Assistente Acadêmica, redigi a presente ata por mim assinada e pelo Sr. Diretor. São Paulo, 23 de agosto de 2016.